

## MAPA POLÍTICO EUROPEU COM CULTURA AFRO-BRASILEIRA: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR E ANTIRRACISTA

Michelle Martins de Almeida <sup>1</sup>

Leonardo Gama Campos <sup>2</sup>

Rodrigo da Costa Tavares <sup>3</sup>

### RESUMO

Este relato apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID Educação do Campo, estruturada a partir de uma perspectiva crítica, interdisciplinar e comprometida com a valorização das relações étnico-raciais e da diversidade cultural no contexto escolar. O projeto propôs a releitura do mapa político da Europa utilizando elementos da cultura afro-brasileira, incorporando símbolos das religiosidades de matriz africana, referências estéticas afro-atlânticas e aspectos da ancestralidade iorubá, banto e jeje. Os estudantes, organizados por afinidade, pesquisaram diferentes países europeus e os representaram por meio de maquetes em argila, reinterpretando territórios a partir de diálogos interculturais e da descolonização do olhar cartográfico.

Durante o processo formativo, foram estimuladas reflexões sobre as interconexões históricas entre culturas, bem como análises sobre estereótipos e invisibilidades presentes na representação tradicional dos mapas. As atividades promoveram debates sobre identidade, território, pertencimento e representatividade, evidenciando o potencial da arte e da cartografia como ferramentas integradoras de saberes e promotoras do pensamento crítico, da criatividade e da formação antirracista. A culminância do projeto ocorreu em uma exposição aberta à comunidade escolar, fortalecendo o protagonismo estudantil e ampliando o diálogo entre escola e sociedade. Além disso, o desenvolvimento do projeto contribuiu para que os licenciandos compreendessem de forma mais profunda os desafios e possibilidades da prática docente voltada para a educação antirracista, reforçando o compromisso ético e político do PIBID com a transformação social por meio da escola pública.

**Palavras-chave:** Educação étnico-racial; Cultura afro-brasileira; Interdisciplinaridade; Formação docente; Cartografia escolar; Descolonização.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Educação do Campo da Universidade Federal - UFF, [michellem@id.uff.br](mailto:michellem@id.uff.br);

<sup>2</sup> Professor de Licenciatura em Educação do Campo e Coordenador do subprojeto Educação do Campo PIBID-UFF. Instituto Noroeste Fluminense de Educação Superior – INFES, Santo Antônio de Pádua, [lecampos@id.uff.br](mailto:lecampos@id.uff.br);

<sup>3</sup> Professor Licenciado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense UFF, especializado em Residência Docente pelo Colégio Pedro II, Supervisor do Subprojeto de Educação do Campo PIBID UFF, [rodrigotavaresuffgeo@gmail.com](mailto:rodrigotavaresuffgeo@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Educação do Campo, orientado por uma prática pedagógica interdisciplinar, crítica, antirracista e descolonial. O ponto de partida do projeto foi a análise do mapa político da Europa — frequentemente tratado no ensino tradicional como uma representação neutra —, o que tende a invisibilizar relações de poder, hierarquias simbólicas e perspectivas não europeias que estruturam a produção do conhecimento geográfico.

A proposta consistiu em ressignificar o mapa político europeu a partir de elementos simbólicos da cultura afro-brasileira. Essas referências incluíram símbolos das religiosidades de matriz africana (como elementos ligados aos orixás), grafismos africanos, paletas de cores associadas às tradições afro-atlânticas, estética artesanal, representações da natureza e aspectos da ancestralidade negra. A atividade, portanto, configurou-se como uma reinterpretação cartográfica crítica, em que os estudantes puderam reconstruir o território europeu não como reprodução literal de suas fronteiras, mas como expressão cultural híbrida capaz de tensionar o olhar eurocêntrico.

Para isso, os grupos de estudantes realizaram etapas articuladas de investigação e produção, que envolveram: (i) o estudo do país europeu escolhido; (ii) a identificação de símbolos tradicionais e narrativas predominantes; (iii) o estabelecimento de possíveis diálogos com elementos da cultura afro-brasileira; (iv) a confecção de maquetes em argila representando o território reinterpretado; e (v) a elaboração de uma síntese estética e conceitual que expressasse criticidade, criatividade e descolonização epistemológica. A prática integrou saberes geográficos, históricos e artísticos, mobilizando leitura crítica de mapas, análise das relações culturais e produção estética artesanal.

O referencial teórico da proposta baseou-se em autores como Milton Santos (2002), que discute o espaço como construção social; Stuart Hall (2006), para compreender identidade e representação; bell hooks (2013), cujo pensamento orienta práticas pedagógicas críticas e emancipadoras; e Kabengele Munanga (2005), referência para a abordagem das relações étnico-raciais na educação. A orientação teórico-metodológica foi proposta pelo professor coordenador Leonardo, garantindo coerência entre fundamentos críticos e ações pedagógicas.





Durante a execução das atividades, observou-se forte engajamento dos estudantes, que demonstraram entusiasmo, criatividade e ampliado senso de autoria. A proposta incentivou o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, expressão artística, argumentação, reflexão crítica e trabalho coletivo, promovendo um ambiente de aprendizagem sensível às diferentes identidades e repertórios culturais presentes no contexto escolar.

A culminância do projeto ocorreu em uma exposição coletiva aberta à comunidade escolar, na qual os grupos apresentaram suas maquetes, explicaram suas escolhas simbólicas e compartilharam reflexões sobre a construção social do espaço, a interconexão entre culturas e o papel das representações cartográficas na reprodução ou contestação de estruturas de poder. Esse momento reforçou o protagonismo estudantil e ampliou o diálogo entre escola, território e sociedade.

Dessa forma, os objetivos da prática foram: (I) possibilitar aos estudantes novas formas de leitura crítica do espaço geográfico; (II) valorizar a cultura afro-brasileira e suas múltiplas manifestações; e (III) contribuir para a formação docente alinhada a princípios de uma educação inclusiva, crítica e de combate ao racismo. O projeto evidenciou a importância de práticas educativas que integrem interdisciplinaridade, sensibilidade sociocultural e metodologias participativas, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo, reflexivo e significativo.

Por fim, este artigo apresenta, nas seções seguintes, a metodologia adotada, os resultados observados, as discussões emergentes a partir da experiência e as considerações finais sobre os efeitos do projeto tanto na aprendizagem dos estudantes quanto na formação de futuros professores comprometidos com uma prática pedagógica transformadora.

## **METODOLOGIA**

As experiências foram desenvolvidas na Escola Municipal Amanda Pena, localizada em Maricá (RJ), com estudantes do Ensino Fundamental II, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A proposta metodológica fundamentou-se em uma abordagem qualitativa, colaborativa e interdisciplinar, articulando teoria e prática a partir dos princípios da educação antirracista e da perspectiva crítico-reflexiva.



O planejamento das ações ocorreu em encontros virtuais e presenciais entre bolsistas e supervisores, possibilitando a elaboração coletiva das atividades e o alinhamento teórico a respeito da descolonização do olhar cartográfico e da valorização das relações étnico-raciais. Os estudantes, organizados em grupos por afinidade, selecionaram diferentes países europeus e realizaram pesquisas sobre seus territórios, culturas e representações simbólicas.

A partir desse levantamento, foram convidados a reinterpretar simbolicamente esses países por meio de elementos da cultura afro-brasileira, incorporando referências estéticas, mitológicas e ancestrais das matrizes africanas — como iorubá, banto e jeje — para refletir sobre identidade, diversidade, pertencimento e apagamentos históricos presentes nas cartografias convencionais.

As produções resultaram na construção de maquetes em argila, nas quais os estudantes integraram símbolos, cores e expressões artísticas que dialogaram com as religiosidades de matriz africana, as estéticas afro-atlânticas e as narrativas de resistência do povo negro. As oficinas envolveram etapas de pesquisa, debate, análise crítica, leitura guiada, experimentação artística e criação coletiva, favorecendo o protagonismo estudantil. Por se tratar de práticas pedagógicas realizadas em ambiente escolar, sem coleta de dados sensíveis ou informações identificáveis, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

**Figura 1 – Estudantes e equipe PIBID durante a atividade de modelagem do mapa em argila.**





**Figura 2 – Observação coletiva do mapa da Europa antes do início da modelagem.**



**Figura 3 – Modelagem do relevo europeu em argila pelos estudantes.**





## REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta fundamentou-se em referenciais que dialogam com a educação antirracista, a crítica ao eurocentrismo e a descolonização das práticas pedagógicas. Milton Santos (2002) concebe o espaço geográfico como produto das relações sociais e das disputas de poder, rompendo com a ideia de território neutro. Essa perspectiva possibilitou questionar a aparente neutralidade dos mapas políticos da Europa, tradicionalmente apresentados de maneira hegemônica, e compreender como as representações cartográficas participam da construção de hierarquias simbólicas que moldam o olhar dos estudantes sobre o mundo.

Stuart Hall (2006), ao definir identidade como processo histórico, relacional e em constante transformação, reforça como práticas pedagógicas que envolvem releitura cartográfica podem provocar reflexões sobre pertencimento, diversidade cultural e construção de identidades. A produção das maquetes, ao integrar elementos europeus e afro-brasileiros, permitiu que os estudantes reconhecessem a multiplicidade de referências culturais que atravessam suas próprias vivências.

bell hooks (2013) acrescenta a importância de uma educação crítica, engajada e afetiva, que valorize o diálogo, o protagonismo estudantil e a construção coletiva de saberes. Seus aportes fundamentam a escolha por metodologias participativas que convidam os estudantes a ocupar lugar ativo na elaboração das análises e representações.

Kabengele Munanga (2005), ao discutir o enfrentamento ao racismo estrutural e a valorização das culturas africanas e afro-brasileiras no contexto escolar, orienta a incorporação de elementos simbólicos ligados à religiosidade, estética, história e ancestralidade negra nas produções dos estudantes, fortalecendo a construção de um currículo plural e crítico.

Além desses autores, o estudo dialoga com **Boaventura de Sousa Santos (2018)**, cuja proposta de *epistemologias do Sul* questiona a centralidade europeia na produção do conhecimento e denuncia formas de epistemicídio — apagamento de saberes não-hegemônicos. Sua reflexão contribuiu para compreender que práticas cartográficas e curriculares são também práticas políticas, e que a ampliação de narrativas no espaço escolar é fundamental para promover justiça cognitiva.





Outro autor fundamental é **Aníbal Quijano (2000)**, que desenvolveu o conceito de *colonialidade do poder*, explicando como estruturas eurocêtricas permanecem operando nas formas contemporâneas de organizar o conhecimento, o espaço e as hierarquias sociais. Sua contribuição deu base à análise crítica sobre o modo como mapas políticos reforçam lógicas coloniais e naturalizam divisões produzidas historicamente.

Por fim, **Achille Mbembe (2017)** complementa essa discussão ao abordar as relações de poder que atravessam a produção do espaço e da memória, evidenciando como discursos hegemônicos se perpetuam e como projetos de descolonização demandam novos modos de representar e imaginar o mundo. Suas reflexões inspiraram a compreensão de que as práticas desenvolvidas no projeto não apenas ressignificam territórios, mas também contestam estruturas discursivas que historicamente invisibilizaram saberes africanos e afro-diaspóricos. A articulação entre esses referenciais — **Santos, Hall, hooks, Munanga, Boaventura, Quijano e Mbembe** — sustentou a construção de uma prática pedagógica crítica e descolonial, comprometida com a transformação do currículo, o reconhecimento da diversidade e a produção de uma leitura de mundo antirracista e plural.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento do projeto, observou-se um elevado nível de engajamento dos estudantes, sobretudo nas oficinas práticas dedicadas à criação do **mapa da Europa em argila**, etapa central da proposta pedagógica. Essa atividade foi essencial para integrar conhecimentos

geográficos e expressões artísticas, permitindo que os alunos compreendessem o espaço não apenas como representação abstrata, mas como construção concreta, sensível e simbólica.

O processo de elaboração do mapa físico da Europa envolveu a modelagem de **relevos, planaltos, planícies, cordilheiras e áreas litorâneas**, exigindo atenção às diferenças de altitude e ao formato dos territórios. A manipulação da argila favoreceu a aprendizagem tátil e visual, criando um ambiente de experimentação em que os estudantes puderam testar formas, volumes e texturas. Essa etapa consolidou conteúdos fundamentais de Geografia, como leitura de mapas, interpretação de escalas e compreensão das características físicas do continente europeu.



Após a construção da base física do mapa, os alunos passaram a reinterpretá-lo simbolicamente a partir de elementos da cultura afro-brasileira. Essa fusão entre cartografia e estética afro-atlântica resultou em um produto híbrido, no qual **formas geográficas conviviam com grafismos, cores e símbolos de matriz africana**, possibilitando conexões interculturais e a reflexão sobre a dimensão política das representações espaciais.

A criação coletiva deste mapa tridimensional estimulou a cooperação entre os grupos, que precisaram dialogar para tomar decisões sobre proporções, organização espacial e elementos culturais a serem incorporados. Os estudantes demonstraram autonomia e senso de autoria ao reconstruir o território europeu de maneira crítica, entendendo que os mapas não são neutros, mas carregam escolhas, disputas e visões de mundo.

A culminância do projeto ocorreu em uma exposição aberta à comunidade escolar, na qual o mapa em argila tornou-se peça central. Os estudantes apresentaram as etapas da construção, explicaram o processo de modelagem do relevo e discutiram as relações culturais, históricas e simbólicas presentes em suas produções. Esse momento destacou não apenas o resultado final, mas o aprendizado obtido ao longo do percurso: olhar crítico, criatividade, valorização da diversidade e compreensão do espaço como construção social.

**Figura 4 – Modelagem do relevo europeu em argila pelos estudantes.**





**Figura 5– Detalhe da modelagem do território europeu com argila.**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas no âmbito do projeto evidenciaram a importância de práticas pedagógicas que articulem interdisciplinaridade, criatividade e reflexão crítica, permitindo aos estudantes não apenas compreender conteúdos acadêmicos, mas também relacioná-los à realidade social e cultural em que estão inseridos. A experiência demonstrou que integrar conhecimentos geográficos, históricos e artísticos — de forma sensível, contextualizada e antirracista — favorece o engajamento, o protagonismo e o senso de pertencimento dos estudantes, que passam a reconhecer-se como sujeitos ativos na construção do conhecimento. Observou-se que os alunos passaram a identificar a dimensão política das representações espaciais, compreendendo que mapas, símbolos e narrativas históricas não são neutros, mas constituem dispositivos que podem reforçar hierarquias ou promover leituras críticas capazes de contestar estruturas de poder. Ao problematizar o eurocentrismo presente nas representações tradicionais do espaço, os estudantes ampliaram suas possibilidades de leitura de mundo e fortaleceram sua consciência sobre diversidade, identidade e territorialidade.





A prática também contribuiu para a consolidação de um ambiente escolar mais inclusivo, participativo e acolhedor, estimulando cooperação, empatia e diálogo entre estudantes e educadores. A construção coletiva do **mapa da Europa em argila**, com representação de relevo e posterior ressignificação simbólica, mostrou-se especialmente potente ao promover aprendizagens significativas e ao materializar conceitos abstratos por meio da experimentação manual, artística e colaborativa.

As práticas demonstraram, ainda, que **enfoques descoloniais possibilitam novas leituras de mundo**, abrindo espaço para que os estudantes questionem modelos hegemônicos de representação e reconstruam sentidos sobre cultura, identidade e espaço geográfico. A construção das maquetes não apenas ampliou o domínio de conteúdos escolares, mas também fomentou debates sobre identidade, poder e representação espacial, fortalecendo a consciência crítica dos estudantes.

Assim, o projeto reafirma o papel da escola como espaço de formação cidadã comprometido com a valorização das múltiplas identidades, com a promoção da justiça social e com a construção de práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade plural dos sujeitos.

Ao integrar arte, cartografia e epistemologias afro-atlânticas, a experiência consolidou-se como um exercício pedagógico transformador, capaz de estimular sensibilidade, pensamento crítico e responsabilidade social — princípios essenciais para a formação docente e para a educação contemporânea.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Agradecemos à coordenação institucional do PIBID e a coordenação do subprojeto PIBID Educação do Campo UFF pelo apoio constante e pela oportunidade de vivenciar esta experiência formativa, que possibilitou a implementação de práticas pedagógicas inovadoras, críticas e reflexivas. Estendemos nossa gratidão à equipe gestora da escola parceira, aos professores supervisores e aos estudantes participantes, cujo entusiasmo, dedicação, criatividade e engajamento tornaram o projeto possível.





Reconhecemos que o comprometimento de cada envolvido foi fundamental para o desenvolvimento das atividades, para a realização das oficinas, a produção das maquetes e a organização da exposição final. O apoio institucional, aliado à participação ativa dos estudantes, permitiu a construção coletiva de conhecimento, a valorização da diversidade cultural e étnico-racial, o fortalecimento do protagonismo estudantil e o estímulo ao pensamento crítico, demonstrando como experiências colaborativas podem transformar o ambiente escolar em um espaço de aprendizagem significativa, diálogo e reconhecimento de múltiplas identidades.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria C.; PASSINI, Elza Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz & Terra, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WNF Martins Fontes, 2013.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. 2. ed. Lisboa: Antígona, 2017.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Revista *Cadernos de Letras da UFF*, n. 34, p. 287–324, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.





SANTOS, Boaventura de Sousa ; MENDES, José Manuel. **Demodiversidade: imaginar novas possibilidades democráticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2006

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação intercultural na América Latina*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

